

ESTAÇÃO ENCONTRO
 9 NOV. 2019 15:00
 GUIMARÃES (PT)

Um evento organizado por André Alves, Filipa Araújo, Max Fernandes, partindo da crónica “Protocolos de Encontro,” de Dom Tolentino de Mendonça.

Sociedade Martins Sarmento
Guimarães
9 de Novembro de 2019

Convidados: Carla Cruz, João do Vale, Juan Luis Toboso,
Magda Henriques.
Colaboração dos alunos do 1º e 2º anos do Curso de Artes
Visuais da Universidade do Minho (Guimarães).

ESTAÇÃO ENCONTRO

15:00 Salão Nobre: Abertura de *Estação Encontro* e lançamento do livro “O que falta é amor.” [Pag. 4]

15:50 Escadas: seguindo o perfume dos Amores (Perfeitos). [Pag. 11]

16:00 Claustro: oficina de escrita direta ao vivo. [Pag. 12]

16:45 Claustro: movimento de desaceleração temporal. [Pag. 15]

17:30 Cafeteria: merenda.

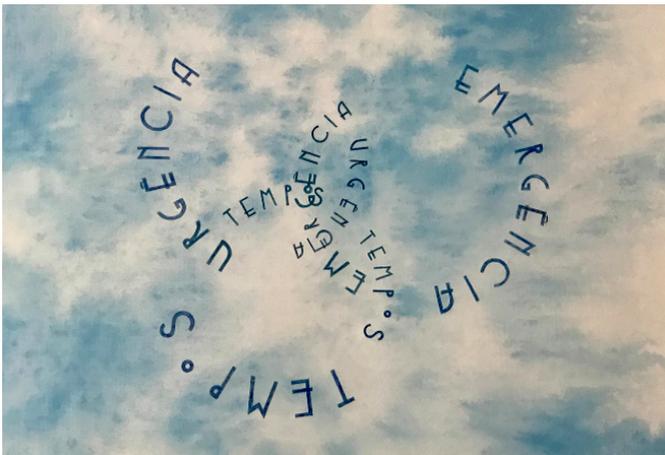
18:00 Sala de leitura: uma ação sobre futuros. [Pag. 20]

18:30 Salão Nobre: mesa redonda “Protocolos de Encontro” [Pag. 21]

e

“Nunca é tarde demais” [Pag. 22]

20:00 Cafeteria: Repasto e celebração de encontro.



Boa tarde, sejam bem-vindos à *Estação Encontro*, um evento artístico desenvolvido a partir da defesa de uma ética de mutualidade, de reais conexões, de encontros. Uma defesa da possibilidade dessa imaginação ética como realidade política que, perante o atual cenário de urgência global nos questiona: como procederemos em relação ao futuro, como nos vemos a nós mesmos e ao outro, para lá do modelo de vida-fragmentada, apressada, desatenta, anestesiada e embrutecedora, que a realidade das nossas sociedades baseadas no consumo, na reputação e na competição sustenta?

Imaginar é essa ordem da experiência de onde o desejo, verdadeiramente, se funda. Talvez a nossa imaginação tenha entrado em greve e tudo nos pareça já definido, feito, imaginado, fechado. Esta tríade recusa essa crença.

Nós somos o André Alves, a Filipa Araújo e o Max Fernandes. Somos artistas, poetas e educadores.

O nosso encontro deu-se a partir da arte, da realização de exposições, em 2005.

E temos, desde então, protegido esse encontro. Esta é aliás uma questão na base do evento de hoje e na base das nossas preocupações mais alargadas: como cuidamos?

A arte tem-nos servido para proteger esse encontro, como pretexto para trabalhar em conjunto, como um método para sustentar a nossa amizade, sem saber se isso é um efeito ou isso mesmo o fim.

Queremos dar início ao evento explicando o que nele se irá passar e apresentando aqueles que se juntaram a este trio amoroso.

Estação Encontro conta com o apoio de jovens artistas, alunos do Curso de Artes Visuais da Universidade do Minho, com quem temos debatido uma preocupação comum: ‘o que pode a arte?’

Informamos o público que iremos proceder ao registo fotográfico para fins documentais e que, qualquer pessoa que se sinta desconfortável com esse fato, deverá comunicar tal aos nossos voluntários.

O que se passará esta tarde?

Ao longo desta tarde iremos circular pelos diferentes espaços da Sociedade Martins Sarmento, que generosamente acolheu este projeto. A disponibilidade mostrada pelas pessoas desta casa para acolherem este projeto, lembra-nos do importante papel das instituições em confiar, em vez de desconfiar. Uma relação de cuidado mútuo, em que as instituições cuidam de nós, porque nós somos as instituições. Estamos num espaço que também se chama Sociedade. É uma Sociedade que nasceu pelo amor ao tempo e à vida de um outro, noutros tempos, noutros espaços. Essa curiosidade histórica pelo outro - que é também uma espécie de bisbilhotice - não deixa de traduzir uma delicadeza, uma delicadeza expressa em cuidar do que nos é distinto: não é movido por um afrontamento, mas por um envolvimento. Esta Sociedade, em que estamos hoje, dispôs-se a nos receber, quem sabe se por um desejo de contaminação da diferença.

E, se isso soa a ganho para ambas as partes, o nosso agradecimento adianta-se: obrigado Sociedade Martins Sarmento pelo vosso acolhimento, pela vossa atenção, pela cedência de espaço e pelo vosso trabalho.

Começaremos no Salão Nobre e aqui regressaremos para encerrar o evento. Iremos transitar pelo museu, pelo claustro e pela sala de leitura. Faz frio lá fora, mas quando voltarmos para dentro, teremos bebidas quentes à nossa espera.

Estação Encontro começará com uma viagem no tempo até ao dia 10 de Junho de 2017, data da realização do evento *O que falta é amor*. A partir da descrição do evento, faremos uma ponte com a ideia de “Protocolos de Encontro” escrita por Dom Tolentino de Mendonça e o dia de hoje. Daí seguiremos para o claustro. Para isso, devem seguir os nossos amorosos voluntários.

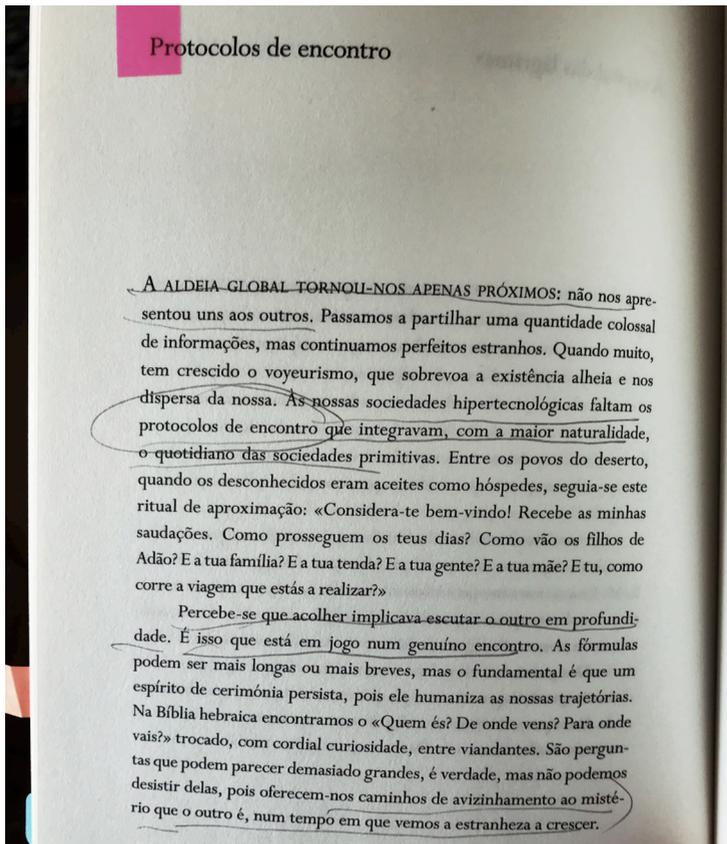
A nossa atividade no claustro desenvolve-se em dois momentos, uma oficina de escrita direta, e um movimento de desaceleração temporal que nos guiará até ao interior do edifício para uma merenda na cafetaria/átrio. Lembramos que, por razões de cuidado com o edifício, copos e comida devem restringir-se a esse espaço. Nessa altura, poderão visitar a Sala de Leitura, onde, às 18h, terá lugar uma ação (a sala permanecerá aberta para visita até ao final do evento). Daí regressamos

ao Salão Nobre para uma dinâmica que as admiráveis amizades da Carla Cruz, do Juan Luis Toboso e da Magda Henriques preparam para todos nós. *Estação Encontro* terminará (como toda a celebração que se preze), com um jantar que será servido no átrio.

Protocolos de Encontro

Estaremos mais desencontrados hoje do que em outras épocas? *Estação Encontro* interpela-nos — interpela-vos — sobre os tipos de encontro que vivemos, do encontro como um tema em que poder, política e afetos se intersectam.

Este interesse por uma estética do encontro desenvolveu-se a partir de uma crónica do livro ‘O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas’ de Dom Tolentino de Mendonça, com o título “Protocolos de Encontro.” Passamos a ler:



No email remetido a Dom Tolentino de Mendonça, explicamos que “queremos focar o desencontro como o nefasto resultado de uma sociedade obcecada pelo controlo, sustentada pela separação e pelo ego da performance, em vez da plasticidade da vida como uma arte e do encontro como meta.” Nesta falta, vá, de reais estratégias para o encontro, nós encontramos força para desenvolver esta proposta artística. Uma proposta que se faz através de um encontro com a brincadeira, a informalidade e o ensaio em busca de um ensaio e não uma resposta (que tantas vezes nos deixa ver a predominância do culto da seriedade nos espaços da produção cultural).

Mas *Estação Encontro* também procura responder a uma outra questão que o texto de Dom Tolentino levanta: porque haveremos de querer estar próximos? Essa foi a questão que trabalhamos em “O que falta é amor.” *O que falta é amor* foi outro tipo de protocolo, um protocolo de cuidado coletivo que pretendia fazer dos afetos pessoais uma expressão política.

O que falta é amor teve lugar no dia 10 de Junho de 2017, surgido em reação ao processo de despejo d’O Sol Aceita A Pele Para Ficar (Guimarães) das instalações onde, ao longo de três anos, Filipa Araújo e Max Fernandes desenvolveram atividade pública cultural autofinanciada.

Ao longo de quase um ano, O Sol vinha a realizar Assembleias Públicas de forma a debater as intenções, valores e as políticas inerentes a esse projeto e os fins do financiamento público. A questão que se colocava então não era a de se haveríamos de querer estar próximos ou não, mas de como nos poderíamos insurgir perante políticas que, tendo por base uma moral estritamente focada na realidade do lucro e do consumo, contribuem para a desumanização da sociedade.

Partindo do formato de sarau literário, convocado localmente e através da web, *O que falta é amor* apresentava-se como um evento artístico em que as sensações pessoais de perda, de isolamento e de exclusão eram mobilizadas como oportunidade para escutar o outro e desse modo, explorar possibilidades de novos imaginários políticos.

O evento abriu com a leitura de um trecho de Lawrence Ferlinghetti, como prefácio do seu livro “A poesia como arte de insurgência:”

“Que tempos são estes
Em que escrever um poema sobre amor
É quase um crime
Porque contém tantos silêncios
Sobre tantos horrores.”

Ao longo da noite, *O que falta é amor* recebeu mais de 100 pessoas. Não sabemos quantificar o valor do evento além do que ele qualifica: contra futuros de precarização, desumanização e despertencimento; contra futuros sociais, ecológicos e mentais insustentáveis determinados pelo interesse no lucro. E pró modos de viver explicitamente comprometidos com políticas de cuidar, de sustentar a longo prazo; onde o amor não falta. E por isso, convocávamos os presentes para trazerem para o sarau literário “palavras suas (ou emprestadas) sobre perdas, sobre malogros, sobre desamores, sobre expropriações impostas – mas também as autoimpostas. Sobre o amor como uma interrupção do vazio – não reduzida aqui apenas ao sentimento, mas a uma ética de sustentação do mútuo no tempo.”

No dia do evento *O que falta é amor*, colamos na parede exterior do O Sol Pele um cartaz onde se liam as frases: como pode um afeto mudar o estado das coisas?, e, a partilha como manifestação poética de insurgência. Elas davam um destino ao nosso evento: de como as emoções que ali se viriam a gerar, meigas ou não, afirmavam elos sociais entre estranhos, ainda que só por uma noite.

Convocávamos palavras que falam da necessidade de uma ética da sustentação. Palavras que se opõem a políticas de exclusão e exclusivistas. Palavras que questionam o estatuto paradoxal dos isolamentos contemporâneos: exercício de autonomia para uns, e resultado de exclusão, de isolamento forçado, para outros.

Na convocatória descrevemos O Sol como recinto para uma celebração. É também este o nosso entendimento sobre o dia de hoje e sobre a Sociedade Martins Sarmiento, como uma celebração. *Estação Encontro* é uma celebração da continuidade, da nossa amizade, mas também de como usamos a arte como estratégia para mantermos a amizade. A

amizade dá muito trabalho, dá... Mas *Estação Encontro* também celebra o continuar a pensar as coisas. E é por isso que, volvidos do evento *O que falta é amor*, surge o livrinho com o mesmo nome.

Se *O que falta é amor* escreveu um método para gerar encontro, o livro repensa o que se passou no evento, observando o que acontecera às ideias e sensações que o antecederam e que nele se viveram.

O livro é uma edição de 100 exemplares. É uma edição de autor, que serve de diário de bordo, de anotação e de partilha de algumas reflexões sobre *O que falta é amor*. Por isso já sabem: lá fora estão 100 livrinhos e são vossos. Não temos mais, nem menos. Este amor tem uma conta certa. É uma edição apressada e alguns são mais toscos que outros, como os encontros entre gente. E é gratuito, tal como este evento, porque a interessa-nos romper com a lógica da compra como 'A' linguagem universal, de que tudo tem que ser pago. A título disso vamos ler uma passagem do livrinho que fala precisamente sobre isto:

“Ela oferecia-se para ajudar com os custos da festa. Respondi que não. A sua contribuição era estar presente e passear a sua magnífica t-shirt na qual se podia ler “Mon Amour” — meu amor.

Rimos.

Falámos do desconforto provocado pelo sentimento de dívida; de como o dinheiro tende a funcionar como sanativo universal para qualquer tipo de dívida; da relação entre dívida e intimidade; da diferença entre estar em dívida para com um próximo ou para com um estranho; da diferença entre aceitar ajuda de um próximo ou de um estranho.

Calámos o riso.”

Esta tarde iremos brincar e experimentar com a ideia do encontro, da ideia de futuro, das práticas de imaginação, das práticas de atenção, das práticas de intervenção... experimentar com a presença, com o privilégio de estar presente, e com a escuta, com o direito da escuta, nestes tempos de crises de imaginação e de expressão coletiva, e de emergência de tempos de urgência sociais, mentais e políticos.

O livro “O que falta é amor” termina com as palavras de Filipa: “voltando ao início da nossa conversa, quando há amor, não pode haver poder, claro. Já que entre o amor e o poder não pode haver uma

polaridade, de facto, pois para isso teriam de ser revestidos do mesmo valor. A polaridade, num princípio hermético, não é mais do que “dois lados” de uma coisa manifestada, apenas separados em grau entre dois extremos.

Como chegar à mutualidade então? Talvez quando não existir para nós a distinção entre o “eu” e o “outro”. Há épocas em que só podemos avançar se formos na direção oposta.”

Obrigado a todas.

Pedimos a todas que vão ao encontro dos nossos voluntários-sóis e que sigam o seu perfume.

Seguindo o perfume dos Amores (Perfeitos).

Em tempos, os alquimistas acreditavam que o amor era mais do que um efeito de neurotransmissores no nosso corpo. Acreditavam que a química do amor existia além dos sentidos e que podia ser extraída de plantas, que tal perfume podia ser extraído dos Amores-Perfeitos.

Não se preocupem, o perfume do amor é hipoalergénico.

O aroma dos Amores-Perfeitos é um aroma mágico. Ele vai e vem, vai e vem, como um baloiço, um inebriamento. E isso não é apenas uma metáfora, é uma propriedade desta flor do amor. O composto químico mais notável do perfume dos Amores-Perfeitos é a ionona. Depois de estimular os recetores olfativos, a ionona liga-se, “cola-se” a eles, deixando-os temporariamente entorpecidos e insensíveis.

O cérebro simplesmente não consegue registar o perfume enquanto os receptores estão dormentes. Depois de um tempo, o perfume volta, mas o cérebro não entende que é o mesmo perfume e regista-o como um novo estímulo. E é por isso que o perfume dos Amores-Perfeitos parece ir e vir, ir e vir, como uma vertigem, como sonhos luxuriosos, como o amor.

Amores-Perfeitos são símbolos de renascimento e do amor.

Mas, em servo-croata, Amores-Perfeitos dizem-se dia-noite.

Em persa, Amores-Perfeitos dizem-se violeta.

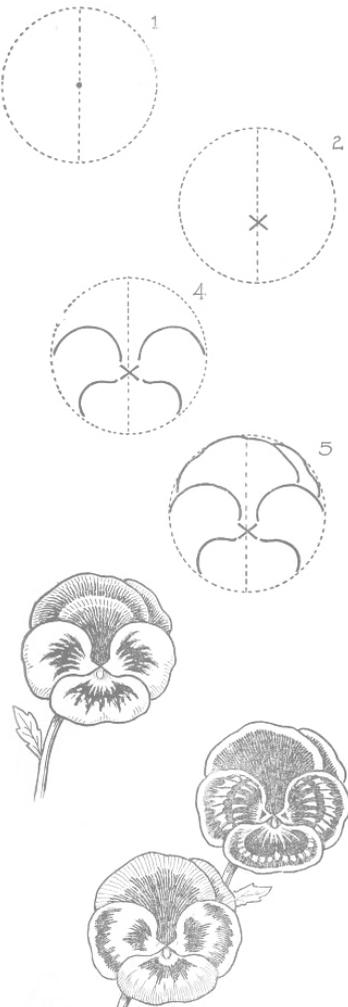
Em polaco, Amores-Perfeitos dizem-se irmão.

Em francês, Amores-Perfeitos dizem-se pensamento.

Em grego, Amores-Perfeitos dizem-se joguei fora.

Em inglês, Amores-Perfeitos dizem-se alívios do coração.

E só na nossa língua-mãe, Amores-Perfeitos dizem o que devem dizer.



Quem quer transformar a realidade?

—oficina de escrita direta ao vivo.

Escrita direta é um método de criação em vídeo que usa a palavra, o desenho, a mancha e a voz para formar um pensamento e/ou um gesto. A oficina de escrita direta está aberta à participação de qualquer pessoa: basta comparecer nos claustros deste edifício, às 16:00.

“Quem quer transformar a realidade?” será a pergunta anunciada antes da oficina que avança sob quatro categorias de influência conceitual de Jerzy Grotowski: as formas de comportamento quotidiano mascaram; a ação absorve toda a personalidade do ator; dar e tomar; encontrar-se no outro.

Cada participante utilizará o seu próprio telemóvel nas máquinas propositadamente construídas para esta oficina e seguirá as indicações dos voluntários. Estas indicações são apenas uma condução para a abertura da ação de cada participante.

Instruções:

[instrutora]

Quer transformar a realidade? Imagine que a realidade é a que vê através do telemóvel.

Todos os materiais como o papel transparente, o plástico Teflon, a tinta-da-china, as canetas de acetato, as molas, as pedras, os cristais, os vidros e os espelhos estão colocados próximo ou na base da máquina; todos os materiais podem ser utilizados individualmente ou em conjunto; serão dadas indicações (podem ser palavras ou sugestões para uma ação); as indicações/sugestões só serão ditas nos primeiros passos, as restantes serão por decisão livre dos participantes; os participantes usam o seu próprio telemóvel no modo vídeo em gravação contínua; os vídeos dos participantes devem ser enviados para: diretaescrita@gmail.com.

Categorias:

A (as formas de comportamento quotidiano mascaram) [base vermelha]

- 1) “use um dos objetos e coloque-o no vidro” —diz a instrutora
- 2) “coloque o espelho sobre o vidro” —diz a instrutora;
- 3) “sobre o seu rosto espelhado, desenhe algo” —sugere a instrutora;
- 4) “através do espelho consegue ver o céu?” —pergunta a instrutora;
- 5) “execute uma qualquer ação com outros objetos.”
- 6) “coloque uma ou mais gotas no vidro.” —ordena a instrutora aguardando pela ação do participante, depois continua —“a realidade ficou diferente?”

B (a ação absorve toda a personalidade do ator) [base amarela]

- 1) “em frente à câmara abra um livro e diga em voz alta a terceira letra de todas as linhas, na última linha, diga a primeira palavra” —nor-teia a instrutora;
- 2) “pense numa ação mínima em frente à câmara e execute-a” —ordena a instrutora;
- 3) “pode escrever uma palavra no vidro?” —sugere em forma de pergunta a instrutora;
- 4) “execute duas ações diferentes das anteriores.” —desafia a instrutora;
- 5) “que relação estabelece entre os dois pontos anteriores?”—pergunta o instrutor.

C (dar e tomar) [monopé]

- 1) “preencha todo o quadro do lado externo do vidro”—ordena a instrutora que auxilia o participante segurando no monopé;
- 2) “de olhos fechados rode a máquina sobre si mesma” —volta a ordenar a instrutora;
- 3) continua a instrutora —“descreva o que vê pelo quadro, por favor.”
- 4) “execute duas ações concretas mas simultâneas.” —desafia a instrutora;
- 5) depois das ações voluntárias do participante, diz a instrutora —“transportando a máquina dê cinco passos numa direcção e diga como viu a realidade alterada.”

D (encontrar-se no outro) [bípede]

- 1) “coloque uma das pedras no suporte que está em frente à câmara” —ordena a instrutora;
- 2) “o outro ...” —diz pensativamente a instrutora. “Pode continuar a frase, por favor” —sugere a instrutora;
- 3) “pense numa palavra e diga-a em voz alta enquanto usa um riscador no vidro” —diz a instrutora;
- 4) “coloque a sua mão em frente da câmara” —sugere a instrutora —“e diga o que toca.”
- 5) execute duas ações concretas mas simultaneas” —desafia a instrutora
- 6) “o que o/a levou a decidir pela primeira pedra?” —pergunta a instrutora.

Estaremos destinados a ser apenas começos de verdade?

— movimento de desaceleração temporal.

Esta é uma leitura dramatizada do céu no momento em que esta performance começa. O texto que se segue é um guião feito a partir dessa leitura.

Anotações para as personagens são apresentadas entre parênteses retos.

Personagens

Astropoeta

X

Saturno

Marte

Mercúrio

Amor e Horror

Sol

Vénus

Alhena e Fortuna

Astropoeta

[X sobe ao muro interno do claustro e começa a encher o balão, muito devagar. Astropoeta segura o telemóvel junto ao balão, amplificando o som. Esta ação deve conseguir reunir o público. Se o som de encher o balão não for suficiente, X deverá esvaziá-lo de modo a provocar um som agudo, voltando depois a encher.]

Há algum tempo, vi numa tapeçaria árabe uma cena de uma batalha... Nesse lugar, no meio do campo, no caos da refrega, estava um homem sentado no dorso dourado de um camelo. Observava o céu com um astrolábio.

[Micro-pausa e X passa o balão à Astropoeta.]

Naquele momento, o tempo desacelerou, Laquesis abrandou o fio que tecia, Clio adormeceu. Aquele homem procurava no firmamento que estrelas e astros se constelavam.

[X sai de cena.]

O céu estava ilegível. Não se via céu nem terra – só escuridão.

[Todas as personagens desenham um mapa nas palmas da mão. Astropoeta desenha, com auxílio

do público, na sua própria mão.]

Observei-o também e percebi que nem mesmo pelos sentidos tinha a convicção de que havia céu e terra: a escuridão tirava-lhe os lugares. Só havia escuridão, lugar e formas.

[Astropoeta caminha para o lado do claustro onde se encontram os guerreiros. Personagens e público seguem-na. Saturno irá sentar-se no muro. Marte irá colocar-se ao lado das estátuas dos guerreiros.]

E confiei intuitivamente que existia, céu em cima, e terra, em baixo. Estou na batalha e sinto o tremor provocado pelos cavalos e assim adivinho a terra melancólica, taurina, saturnina.

Saturno (em Capricórnio)

[Astropoeta caminha até Saturno que está sentado no muro e estica-lhe o microfone].

A melancolia é uma doença que nos permite ver as coisas como elas são. “... na minha melancolia nada se altera, [pausa] tudo em mim se torna alegoria. Tudo em mim se torna alegria. Minhas imagens passadas têm outra densidade.”

Astropoeta

Os guerreiros, esses procuravam o equilíbrio, protegiam o seu *umbellicum mundi*, e com fé pensavam na morte dos amigos.

Marte (em Balança)

[Astropoeta desloca-se para o lado de Marte (ao lado do Guerreiro Celta) que diz:]

Procuo o equilíbrio entre o dia e a noite, sinto o fundo do céu ...

Astropoeta

[Astropoeta coloca a mão no chão, na terra fria do claustro e diz sem olhar para cima:]

Sinto o fundo húmido e frio da terra pantanosa.

O combate será duro e longo, talvez cesse com a vitória.

[Astropoeta olhando para cima:]

Será que lho vou dizer? Diz-me queres refazer connosco o ciclo eterno?

Pouso o astrolábio [Astropoeta rebenta o balão contra o chão] olho para as minhas mãos e para o horizonte e vejo um fino interstício de um a outro e retorno ao bordado do céu.

Mercúrio (em Escorpião)

[Mercúrio aparece ao fundo com Horror e Amor — as estrelas Zuben Elgenubi e a Zuben Elschemali — a pinça sul do Escorpião, marcial e saturnina, e a pinça norte do Escorpião, mercurial e joviana — enroladas em corda, com quem falará alternadamente. Elas irão desenrolar alternadamente, e depois de desenrolarem, desenham um sorriso no rosto com batom. Horror e Amor esticam o texto face a Mercúrio para que este o possa ler. Astropoeta aproxima o microfone de Mercúrio.]

Gostaria que falar fosse sempre uma experiência de linguagem:
 —um ATO DE HORROR, que chama pelo horror, não porque haja uma reserva acumulada de horror, mas porque esta pinça marcial e saturnina me envenena a voz;
 —um ATO DE AMOR, não porque haja amor disponível, mas porque o corpo adquire um ligeiro decalque, um declive de amorosa bondade comunicativa. Esta estrela, a pinça norte, está na ponta da caneta. O Céu abraça-me a voz.

[Mercúrio deixa cair as cordas e as duas estrelas ficam ali um pouco. Mercúrio retira-se para trás do público. Horror e Amor ficam paradas por um pouco, depois dão as mãos e saem na direção da entrada do museu. Astropoeta segue o Horror e Amor.]

Astropoeta

[seguindo Horror e Amor que vão na direção do museu]

Olho para os dois, HORROR e AMOR, e vejo que gostaria de sorrir de um para o outro, mesmo se é indiferente para o mútuo atravessar a colina do horror ou o declive do amor.

Percorramos a vasta estrada do Esquecimento debaixo do deste Céu.

[Astropoeta volta-se para trás e aponta para o fundo do claustro. No fundo do claustro temos Sol que está às cavalitas do personagem Mercúrio, vestido com uma manta refletora dourada.]

Volto os olhos para o horizonte e de longe alveja o Sol, com a armadura

brônzea, e cavalga nas costas do bicho lacrau, forjado contra o poder do deus da guerra e dos homens.

[Alhena e a Fortuna sobem para o muro e ligam o flash dos telemóveis, apontando para as suas próprias caras e fechando os olhos. Depois disso, Vénus sobe o muro, colocando-se por detrás delas. Astropoeta volta-se para elas e diz:]

Do alto do firmamento, as estrelas Alhena e a Fortuna sorriem e de mãos enlaçadas respondem-me.

[Alhena e Fortuna abrem os olhos e descem o muro, desocultando Vénus. Astropoeta diz:]

Surge então a “domadora de Deuses e Homens” a menina-deusa transforma-se e dá a mão ao coração do Lacrau.

Vénus (em Sagitário)

Quem se eu gritasse me ouviria entre a ordem dos anjos ou homens?

Coro (e público)

Os anjos não te ouviriam, os seus ouvidos são do inaudível e os homens são surdos ao teu grito.

Sai deste Jardim e segue-nos para este sítio como as folhas que descem por um rio, tornar-te-ás livre. A Senhora da Noite espera-te lá dentro.

Astropoeta

[Astropoeta caminha para o interior do museu e as personagens seguem-na. Astropoeta fica no piso térreo do museu junto às escadas e começa a tocar uma música no telemóvel.]

Já estou em casa. Foi o primeiro dia em que senti o Inverno - a água cai incessante do Meio Céu, das águas do Aguadeiro saturnino.

[Astropoeta caminha em direção a Saturno, que está na parte superior das escadas e diz-lhe:]
 Porque olhas enviesado daí do alto da tua casa para a luzeira divina?

Saturno

[Astropoeta dirige-se a Saturno apontando-lhe o telemóvel.]

Rasga o véu, menina, “rasga o delicado estofado desta vida”, rasga o véu que te aprisiona, rasga-o. Rasga o tecido do Tempo com as cordas da Lira apolínea.

Astropoeta

E a restante vida?

Coro e público

Está em qualquer lugar, a noite desce.

Astropoeta

[Astropoeta sai da sala e dirige-se ao hall de entrada, ficando junto à placa Emergência de Tempos de Urgência.]

Os amigos são uma conspiração de sopros. Torna-se mais fácil respirar. Sopra então ao vento as sementes do futuro que nas patas exuberantes e gargalhantes do cavalo do céu chegarão às fontes e, apesar dos tempos absurdos em que vivemos, tornam-nos libertários.

[Ruma à cafetaria, pára em frente da porta e antes de entrar nela diz:]

Chegou o Tempo de fazer o impossível, do “era uma vez, e não era uma vez...”.

Sopros assistidos que nos lembram que temos que respirar.



O amor abraça tudo, menos o futuro.



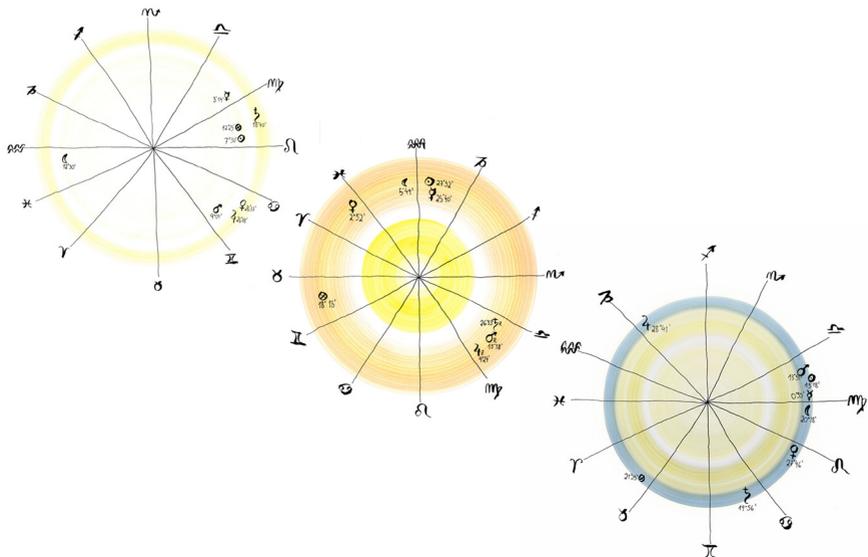
Futuros. Novos Modelos Mentais, sociais, políticos, afetivos, epistemológicos...

Esta é uma ação que se desenvolve em torno da ideia de crise de imaginação e da necessidade de novos modelos de existência. Perante a atual percepção de futuro em risco, Futuros busca reflexões de diferentes autores e de diferentes cronologias, como base para repensar, questionar, que futuros?



Protocolos de Encontro

Uma conversa coletiva orientada por
Carla Cruz, Juan Luis Toboso e Magda Henriques.



Nunca é tarde demais.

Uma leitura dramatizada com André Alves, Filipa Araújo e Max Fernandes.

[Duas pessoas, P1 e P2, trocam mensagens áudio entre si.]

(P1) — “Olha, tu nunca mais chegas? Isto deve estar para acabar não tarda nada. Estou a sair de uma coisa chamada “protocolos de encontro” que começou com a gente a comer umas maçãs pequeninas e depois estivemos a conversar. Foi muito fixe, mas ainda estou com fome!”

(P2) — “Estou a chegar. É desta chuva...”

(P1) — “Em vez de molha tolos, devia-se chamar atrasa tolos...”

(P2) — “Cala-te! E que mais?”

(P1) — “Ó pá... houve um momento tão fofinho... estivemos a cheirar o elixir do amor.”

(P2) — “Como assim?”

(P1) — “Olha, pelos vistos acredita-se, quer dizer, acreditavam os alquimistas, que o elixir do amor podia ser extraído dos amores-perfeitos. E então eles borrifavam o ar com esse perfume enquanto explicavam essas histórias.”

(P2) — “Ó meu, e resulta?”

(P1) — “Não sei. Se calhar apaixonei-me e nem notei.”

(P2) — “Ha ha ha ha. E isso foi agora? Se calhar quando chegar ainda sinto o amor.”

(P1) — “Não, não. Foi no início. Acho que ainda se sente alguma coisa. Mas para mim é mais a memória disto tudo. Foi logo a seguir à abertura. Começaram a falar do “O que falta é amor”, um evento que aconteceu em 2017. E depois ofereceram 100 livrinhos sobre o evento. Mas tenho um bocadinho medo de o abrir - parece que se vai rasgar. Mas se calhar isso é de propósito. E foi nessa altura que começaram a contar as historiazinhas sobre os amores-perfeitos.”

(P2) — “Estou a pensar que isso também é constrangedor por ser uma coisa coletiva: de repente apaixonavam-se todos uns pelos outros. Em vez da Estação Encontro deviam ter chamado ao evento Achados e Perdidos.”

(P1) - “Ó pá, que riso! Mas isso do amor foi um momento entre. Dali fomos para o claustro e o fresco sossegou-nos. O fresco e a solenidade daquele espaço, não é?, íntimo e público ao mesmo tempo, e com aqueles testemunhos em pedra meio apagados. E depois, no meio delas, estavam umas geringonças de madeira com um visor que podíamos usar para fazer uma escrita direta, para desenhar sobre a realidade. Olha para as fotos.”

(P2) — “Essas maquinetas são muito engraçadas. No meio desse cinzento todo parecem coisas vivas. Sabes o que é giro: estou a fazer o mesmo no vidro da camioneta!”

(P1) — “É diferente, aí a paisagem do fundo não tem relação com o vidro.”

(P3) [intervém com um tom irónico: a inevitabilidade de ouvir as pessoas chatas que falam super alto ao telemóvel]. — “Vai-me desculpar mas não pude deixar de ouvir a sua conversa”

(P1) [Sem graça] — “hein...”

(P3) — “É que aquilo foi sobre conseguir o máximo de expressão através de ações mínimas. Com a mudança do olhar de trás da câmara para a frente da câmara, expôr-se a dizer o que se vê, expôr a sua pele ao contacto,... é sobre ter eficácia sobre as coisas. E isso é muito valioso.”

(P1) — “Fogo, que bonito.”

[P1 volta a agarrar o telemóvel para gravar mensagem para P2 a dizer] “Olha, estou aqui a falar com uma pessoa que também viu a Oficina de Escrita Direta, já te falo.” [E volta a conversar com P3 sem gravar.]

P1 — “Quer dizer, quem dera que a consequência da nossa ação fosse assim tão simples, não é? Como se se passasse logo do sonho, do modelo mental, à realidade. É preciso tempo, é preciso criar relações, é preciso recursos, evoluções, resultados...”

P3 — “Olhe que não sei.”

P1 — “Espere, grave em mensagem”

P3 — “Ah, sim, desculpe. Fiquei a pensar naquela frase da entrada “Emergência de tempos de urgência.” Há situações de crise para as quais nos podemos preparar. Situações que se apoiam na questão do tempo, se há tempo ou se não há tempo. E claro, se também há recursos (mesmo que nada garanta que esses recursos vão funcionar). Claro que essas são

crises que têm que ver com sobrevivência material e há muitos tipos de crise. E nenhuma me parece tão terrível como a crise da imaginação. Eu achava que aquela representação de pessoas fechadas em casas e cafés, fumando e bebendo ao longo das madrugadas de tempos de urgência, era uma espera pela chegada da altura certa para agir. Mas agora entendo essa espera como um aguardar por um novo despontar da imaginação, uma imaginação que não acontece só por reação, presa ao inevitável, mas além dele.

Bom, estou-me a desviar... em todo o caso, na questão da nossa capacidade de responder à urgência, tem que haver uma comunidade, não é? Tem que haver corpos que acionem uma diferença da ordem das coisas.”

[P1 recebe um novo áudio de P2, em que ela termina a rir.]

(P2) — “Olá nova amiga.” [P1 e P3 desatam a rir.]

[Pequena pausa. P1 retoma.]

(P1) — “A espera forma uma comunidade... faz sentido! Há uma causa comum, uma urgência comum. Por exemplo, vemos desconhecidos a querer bater em alguém e metemo-nos ao bedelho. Somos uma comunidade? Não somos amigos, é certo, mas naquele momento temos um interesse comum que é a negação da agressão, e daí, passamos a ser um corpo de resistência comum. O agressor, ainda que essencial ao drama, fica fora desse corpo comum. Mas o seu lugar pode mudar, ele pode mudar de ponto de vista. Ou nós! Nós também podemos mudar e passarmos a agressores. Por isso as comunidades não são uma entidade fixa. São um movimento baseado em noções de valor: o que se valoriza? E isso é temporário também: tudo muda; não há comunidades fixas.”

[Pequena pausa para que P1 e P3 possam olhar a sala em volta, mas continuand a gravar.]

(P1) [P1 prossegue] — “Olha só para nós: nós estamos a ser uma comunidade crítica temporária.” [P1 e P3 desatam a rir. Chega novo áudio de P2 a rir.]

(P1) [dirigindo-se a P3 sem gravar] — “Ai que estranho nós termos rido antes dela. Agora o riso dela não tem graça nenhuma.”

[P1 e P3 voltam a rir.]

(P3) — “É como quando eu escrevo hahahaha no chat do telemóvel mas

a minha cara está séria como um carapau.”

[P1 e P3 voltam a rir.]

(P3) [para P1] — “Grava aí.”

(P1) [grava áudio].

(P3) — “Para voltar a assuntos urgentes. É surreal que se fale da atual situação ecológica como uma coisa do futuro. Ou até como um mero tema de interesse, e não como uma catástrofe de fato. Uma crise que é ecológica, mas também social e mental, porque não se trata apenas do desastre ecológico, mas da insustentável desumanização, de separação entre incluídos na sociedade e excluídos da sociedade. Com que base se decide essa exclusão ou inclusão? Com que base se decide o valor de uma vida?”

[Pequena pausa. Novo áudio de P2.]

(P2) — “Ora, na verdade, de um ponto de vista antropológico-biológico, nós sabemos que mais do que simplesmente desejar, nós precisamos fazer comunidades e ‘pertencimento’ para que os corpos mais frágeis possam sobreviver.”

(P1) [grava e envia áudio] — “Ai, a gente já avançou. Já não estamos a falar de comunidade.” [P3 interrompe aceleradamente - mas o áudio fica cortado a meio:]

(P3) — “Espera, estamos sim, senhora.”

(P1) [envia áudio e diz a P3] — “Olha, não gravou o que tu dissesse. Vamos antes fazer uma chamada que este diálogo em pingue-pongue não nos ajuda.”

[P1 liga a P2.]

(P2) — “Estás a ligar?”

(P1) — “Estou e coloquei em alta-voz porque estamos a ficar uma comunidade desencontrada. [Voltando-se para P3] Repete lá.”

(P3) — “Lá!”

[P1, P2 e P3 riem.]

(P3) — “Estava a dizer que o tomar conta tem uma base biológica. Tu falaste da responsabilidade dos mais fortes perante os mais débeis. Esse é um valor ético que está na base de uma ideologia humanista. Mas esse compadecimento também é coisa instintiva: o sofrimento alheio

despoleta a nossa rede de neurónios-espelho, porque o nosso cérebro faz-nos intuir inconsciente que quem ali está a sofrer somos nós. Aquele é o nosso sofrimento. A empatia resulta disso (e claro está, como disse, de códigos morais partilhados). Mas o código moral desta sociedade capitalista é voltado para a anestesia, não para a empatia.”

(P1) — “Uau, tu sabes muitas coisas? E sobre o cérebro e tudo. Por acaso és bióloga, psicóloga...?”

(P3) — “Não... trabalho na confeitaria.”

(P2) — “EIXXA-LEENTE!!! É isso aí. Toda esta conversa fala da crise moral do capitalismo: o que não é rentável não interessa. E esse é ainda o nosso modelo de participar, de ser nesta sociedade atual.” [Gera-se um silêncio incómodo.] “É não é...?”

(P1) — “Sim. Estava a pensar. Mas também estava agoniada, porque é mesmo isso.”

[P3 abana a cabeça em concordância.]

(P3) — “Olhem... a gente dizia que a comunidade é uma coisa temporária. Junta-se, dissolve-se; dura, não dura. Mas nós vivemos numa sociedade baseada numa metáfora espacial: estar dentro e fora. O poder neoliberal faz com que os incluídos não confiem nos excluídos, que os vejam como diferentes de si, estranhos, desagradáveis, como diferentes de nós e desmerecedores da nossa solidariedade. Esta desumanização de uns e não de outros, prova a crise social e moral que vivemos.”

(P2) — “Anestesia e perda da empatia é o código moral partilhado do capitalismo.”

(P1) — “E medo. Medo do outro, medo do isolamento e medo de ter menos. É ridículo, mas eu também sinto esse medo. E logo eu, que cresci com tão pouco; mas agora não sei se estou preparada para voltar atrás. Vocês estão preparadas para ter menos, para que os outros tenham mais?”

(P3) — “Não há outra forma. Não há volta a dar. A forma como a sociedade capitalista se desenvolveu deixou-nos sem ar, perdidos da vida, e vai-nos deixar sem vida.”

(P2) — ... [som de respiração rápida.]

(P1) — “Está tudo bem contigo?”

(P2) — “Sim... estou, quase, quase a chegar à Sociedade.”

(P3) — “A questão é: que tipo de sociedade?”

[P1, P2 e P3 riem.]

(P3) — “Por mim podia ser uma sociedade com botões para desacelerar o tempo. Olhem... podemos desligar a função altavoz? Consigo ouvir-vos melhor se for à vez, em vez de tudo ao mesmo tempo.”

(P1) [diz a P3] — “Desliguei. [P1 recomeça a gravar áudio.] Olha, falando em tempo, houve uma leitura encenada no claustro que falava sobre desacelerar tempo e sobre encontrar...” [P3 atropela P1 gritando no meio da frase]

(P3) — “Futuros.”

(P1) — “Caminhos... futuros... Começou no exterior e depois caminhou para dentro da Sociedade. E os presentes funcionavam como coro.”

[P1 envia áudio.]

(P3) [diz a P1 a rir:] — “Grava, por favor.”

(P1) — “Tá.”

(P3) — “E depois desaceleraram ainda mais o nosso tempo com vinho quente e merenda.”

(P2) [Envia um áudio com alguns sons de fundo] — “Ui... ... soa lindamente”

(P1) — “Estás a falar com alguém?”

(P2) — “Ó pá, não, já estou aqui dentro, mas perdi-me. Entretanto entrei numa biblioteca linda e estava a ler umas frases sobre futuro - nem de propósito - que estão pousadas sobre as mesas. Ia aproveitar para fazer um livro, mas estavam a dizer-me que isto fica aberto até ao fim da noite.”

(P1) — “Sim, anda ter cá e vamos depois.”

(P2) — “Ai eu quero voltar aqui. Mas sim, onde estão?”

(P1) — “Estamos no Salão Nobre - é em frente. Foi aqui que houve aquela conversa sobre os protocolos de encontro.” [P1 e P3 caminham para o exterior do Salão Nobre].

(P2) — “E eu desencontrada!”

[P1 e P3 riem novamente.]

(P2) — “Ah, esperem... já vos vejo.” [Caminha em direção ao grupo e diz em pessoa.] “Bom mais vale tarde que nunca.”

(P3) — “Depende, e se for tarde demais?”

(P2) — “Nunca é tarde demais.”